

## **O Fio da Narrativa - a tradução intersemiótica do conto A Moça Tecelã, de Marina Colasanti, nos bordados de Matizes Dumont**

**Alessandra Marinho Bouty<sup>1</sup>**

O documento a seguir está dividido em quatro momentos, que entendo que possam fornecer indícios para uma análise do estágio atual de minha pesquisa.

São eles: Pontos em Formação (motivação para a pesquisa); Riscos do Traçado (esboço de um artigo); Indicação de Parecerista; Bibliografia (esboço).

### **Pontos em Formação – motivação para a pesquisa:**

O interesse pela tradução intersemiótica sempre esteve presente nas pesquisas e no trabalho desenvolvido por mim ao longo de catorze anos de docência nos cursos de Publicidade e Design de várias instituições de ensino da cidade – Unifor, Fanor, Fa7, Faculdade Darcy Ribeiro – do nível de graduação às pós graduações lato e stricto sensu (recentemente tenho ministrado aulas, como docente convidada, para o mestrado e doutorado em Saúde Coletiva da Universidade de Fortaleza, que versam sobre a recepção das mensagens construídas em campanhas publicitárias sob temas de saúde coletiva).

Já no meu trabalho de conclusão da graduação em publicidade, em 2001, a tradução intersemiótica, de forma bastante iniciante, esteve presente quando procedi a uma análise dos aspectos plásticos, icônicos e linguísticos de três do total de cinquenta e uma aberturas (e “fechamentos”) de filmes criadas pelo designer norte americano Saul Bass: as aberturas de O Homem do Braço de Ouro, de Otto Preminger; Psicose, de Alfred Hitchcock e Spartacus, de Stanley Kubrick<sup>2</sup>.

Desde 2007, desenvolvo um projeto com os alunos de graduação e pós-graduação em Publicidade e em Design que consiste na tradução de narrativas literárias para livros experimentais, baseados, prioritariamente, em imagens e construídos analógica e artesanalmente, a partir de materiais os mais diversos. Até o primeiro semestre de 2016,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, o PPGCOM – UFC, Alessandra é especialista em Comunicação e Novas Tecnologias pela graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Fortaleza – Unifor. Docente da Universidade de Fortaleza no curso de Publicidade, é professora de Publicidade e Propaganda e desenvolve mestrado sobre Tradução Intersemiótica. Sua pesquisa de dissertação é sobre a tradução intersemiótica do conto “A Moça Tecelã” de Marina Colasanti em bordados do Grupo Matizes Dumont, sob orientação da Professora Doutora Gabriela Frota Reinaldo, e vinculada ao Grupo de Pesquisa de Tradução Intersemiótica.

<sup>2</sup> BOUTY, A. **Desconstruindo Saul Bass**. A anatomia das inovações técnicas e narrativas em aberturas de filmes iniciadas na década de 50, Fortaleza: 2001, 216f. Monografia (Curso de Graduação em Publicidade e Propaganda), Centro de Ciências Humanas - Universidade de Fortaleza.

foram realizadas traduções intersemióticas de dez narrativas literárias para livros experimentais. Algumas delas geraram, individualmente, de seis a onze traduções completamente diversas e ricas em imagens, texturas e significados.

Tal projeto, chamado Diários Gráficos Conceituais, foi o objeto original do projeto de pesquisa apresentado para minha seleção no mestrado em Comunicação. Naquele momento, a proposta era a análise do processo de tradução intersemiótica na realização de livros experimentais a partir de narrativas de vida em uma comunidade com alto nível de vulnerabilidade social. Algumas condições cruciais à sua realização – fatores como: o longo tempo de produção exigido na execução dos livros e a dificuldade na definição da comunidade produtora/tradutora dos livros, entre outras condições de cunho prático – contudo, se impuseram como obstáculos aos livros experimentais como corpus de estudo dentro do tempo hábil do mestrado.

Sem qualquer prejuízo para o meu interesse central de pesquisa, e sob orientação da Professora Gabriela Reinaldo, direcionei meu objeto para os bordados produzidos a partir de narrativas literárias. Naquele momento, a partir de conversas com minha orientadora, colegas e até por obra do acaso, surgiram várias possibilidades de objeto dentro do tema bordado: Nice Firmeza, Leonilson, Grupo Iluminuras, Arthur Bispo do Rosário, para citar alguns. Uma pesquisa mais aprofundada, acrescida de forte afinidade, levou-me a definir como corpus da pesquisa os bordados produzidos por Matizes Dumont para a capa e ilustrações do livro “A Moça Tecelã”, de autoria de Marina Colasanti e publicado em 2004 pela Editora Global.

Considero que a nova proposta se adequa plenamente à minha curiosidade inicial e representará uma preciosa preparação para o desenvolvimento de trabalhos de tradução intersemiótica mais complexos no meu futuro acadêmico. E, assim como a Moça Tecelã, terei condições para tecer, com pontos firmes, novos objetivos de pesquisa.

Tenho consciência de que o material aqui exposto é ainda incipiente. Compreendo, contudo, que o Seminário e as discussões advindas da apresentação do trabalho possam contribuir sobremaneira com a minha pesquisa, especialmente com sugestões de bibliografias e fontes de referência, ainda escassas quando o assunto é, especificamente, tradução intersemiótica de literatura para bordado.

## **Os Riscos do Traçado – esboço de um artigo**

### **Resumo**

Desde que se compreende no mundo o homem narra e pela narrativa se compreende como parte de um todo maior. Por meio de desenhos, gestos, pela oralidade e pela escrita, narrar é antes de tudo, exposição e troca de experiências que se manifestam em cores, sons, imagens, sensações e sentidos que envolvem tanto o objeto narrado, quanto o narrador e seu receptor. Quando uma narrativa migra de sua linguagem original para outra diversa, ocorre um processo de transcrição, de tradução entre signos, rica em interpretações e significados. É o que ocorre, por exemplo, na transposição de uma narrativa literária para o bordado, em que as linhas que preenchem o espaço do tecido agem com similar expressão às letras e palavras que cosem um conto. À luz dos conceitos da Semiótica, da teoria dos Gestos de Vilém Flusser, de textos de Walter Benjamin e Paul Ricoeur e autores contemporâneos de narrativa e da tradução intersemiótica, o presente texto visa a análise da tradução intersemiótica do conto “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti, em bordados produzidos pelo grupo Matizes Dumont para as ilustrações e capas da publicação de 2004 da Editora Global.

**Palavras-chave:** Tradução Intersemiótica. Bordado. Matizes Dumont. Conto Literário.

Acordava ainda no escuro,  
como se ouvisse o sol chegando  
atrás das beiradas da noite.  
E logo sentava-se ao tear.  
Linha clara, para começar o dia.  
Delicado traço cor da luz, que ela ia  
passando entre os fios estendidos,  
enquanto lá fora a claridade da manhã  
desenhava o horizonte.  
Depois lãs mais vivas, quentes lãs  
iam tecendo hora a hora,  
em longo tapete que nunca acabava.  
[...] Tecer era tudo o que fazia.  
Tecer era tudo o que queria fazer.  
*Marina Colasanti – A Moça Tecelã*

Em 2003, o conto A Moça Tecelã, de Marina Colasanti, escrito e publicado pela primeira vez na década de 1980, foi traduzido em bordados pelo grupo Matizes Dumont, de Pirapora-MG, na publicação realizada pela Editora Global. Nesta edição, a narrativa de Colasanti recebeu, a partir dos desenhos de Demóstenes Dumont, o colorido de fios, linhas e retalhos das irmãs Martha, Ângela, Marilu e Sávvia e da matriarca da família, Dona Antônia.

O conto é curto, mas a história é intensa e traz na mensagem referências mitológicas e aos contos de fada tradicionais, transparecendo ao longo de todo o texto a reconhecida característica dos escritos de Colasanti: a expressão do poder feminino. Assim como as irmãs Cloto (a fiandeira), Láquesis (a que mede) e Átropos (a que corta o fio), as Moiras da mitologia grega, a Moça Tecelã possui o poder de criar pelos fios o dia,

a noite e a natureza. Mais importante que tudo, detém o poder de tecer – e destecer – o seu próprio destino.

A capa e as ilustrações produzidas por Matizes Dumont para o conto publicado pela Editora Global, em 2004, são signos bordados com linha artesanal “sobre tecidos da Paraíba; teçumes de Pirenópolis, Goiás e panos de Minas”, que atendem ao desafio feito pela Moça de “bordar o próprio ato de tecer” (LACERDA *apud* COLASANTI, 2004, posfácio). Os bordados mostram mixes de tecidos, texturas, volumes, cores, diferentes estilos, formatos de pontos e uma imensidão de significados costurados em linha que, amarrados às linhas impressas no papel, enriquecem os sentidos da narrativa.

Nascida na Etiópia e residente no Brasil desde os onze anos de idade, Marina Colasanti é graduada em Belas Artes tendo ingressado na imprensa, em 1962, como ilustradora e colunista de revistas femininas. Escritora premiada, publicou seu primeiro livro, “Eu, Sozinha.” em 1968. A partir de então, tem escrito para o público adulto e infantil, mas é reconhecida principalmente pelas narrativas em que o feminino ganha destaque, se empodera e cujas heroínas encontram seu lugar no mundo, longe da dominação masculina. Outra característica frequentemente encontrada em suas histórias é o discurso amoroso e o teor de contos de fada, em que, na contramão das narrativas do “era uma vez”, não existem soluções mágicas, mas fechamentos pautados na reflexão, na mudança interna e na luta contra os preconceitos e a baixa autoestima.

Assim como no conto aqui descrito, as heroínas de Colasanti são fortes, determinadas, travam batalhas com seus inconscientes e estão em busca de auto realização afetiva. O que não implica que o final feliz seja ao lado do par ideal, mas sim em paz e feliz consigo mesma (ROSA, 2012).

Formado na quase totalidade por mulheres – a exceção é o irmão Demóstenes, artista plástico, que traça grande parte dos desenhos que receberão os pontos do bordado – Matizes Dumont é um grupo familiar de bordadeiras que tem na matriarca Dona Antônia a referência inicial para os bordados dos cinco filhos, cinco netas e a bisneta. Os bordados dos Dumont tornaram-se conhecidos no Brasil e no exterior por traduzirem as lendas, histórias e o cotidiano da região ribeirinha do Rio São Francisco. A relação da família com o rio é antiga: residindo há mais de cinquenta anos na sede do Grupo, uma casa avarandada às margens do rio, o casal Dumont, uma bordadeira que aprendeu o ofício de bordar com a mãe e a avó e um contador de “causos”, acostumaram os cinco filhos à observação constante das águas, das mudanças do tempo, das cores da vegetação

e da vida dos habitantes do lugar. São frequentes em seus bordados os peixes, a Iara, os pescadores, os barcos e as crianças ribeirinhas em seu ofício de ser livres.

Além da produção em roupas, telas e peças de decoração baseada nas histórias do rio e dos habitantes de suas margens, o grupo bordou, a exemplo de “A Moça Tecelã”, capas para vários livros, de autores como Jorge Amado, Ziraldo, Manoel de Barros, Rubem Alves (Fig. 1) e as capas para o CD “Pirata”, de Maria Bethânia<sup>3</sup> (Fig. 3). Algumas obras de Portinari também ganharam tradução em bordado pelas mãos dos Dumont (Fig. 4).



**Figura 1** Livros bordados por Matizes Dumont para autores brasileiros. Da esquerda para a direita, em cima: “Amazonas”, de Thiago de Mello, editora Salamandra, 2008; “Exercícios de Ser Criança”, de Manoel de Barros, editora Salamandra, 1999; “Menino do Rio Doce”, de Ziraldo, Editora Companhia das Letras, 1996. Linha Inferior: “A Bola e o Goleiro”, de Jorge Amado, Editora Record, 2007; “A Menina, a Gaiola e a Bicicleta”, de Rubem Alves, Editora Companhia das Letras, 1998 e “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti, Editora Global, 2004. Fonte: <http://livros-para-todas-as-idades3.webnode.com/vi-e-apaixonei-/savia-dumont/>. Acesso em: 10/08/2016

<sup>3</sup> Disponível em <http://institutotear.org.br/matizesdumont2/>. Acesso em: 10/08/2016.



**Figura 2** Capa e contracapa do CD “Pirata” de Maria Bethânia bordadas por Matizes Dumont. Fonte: <https://www.vagalume.com.br/maria-bethania/discografia/pirata.html>. Acesso em 18/06/2016.

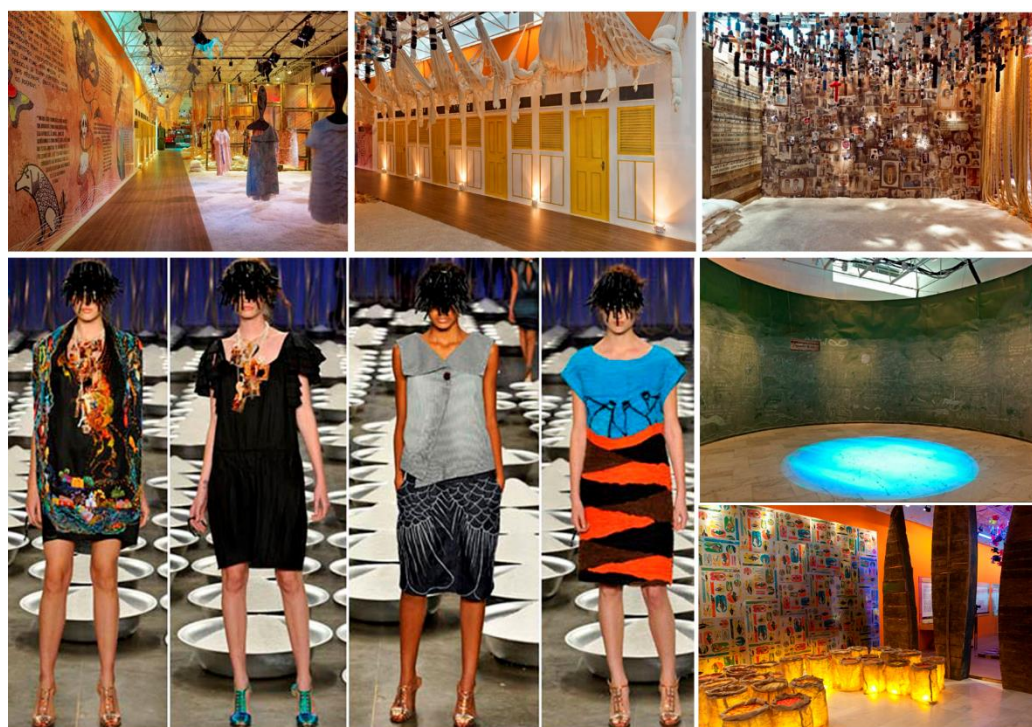


**Figura 3** Obras de Portinari da Coleção Coração em Paz, pelas mãos do grupo Matizes Dumont. Respectivamente “Abraço”, “Meninos no Balanço” e “Noivos”, 2010. Fonte: [https://www.matizesdumont.com/collections/corac-o\\_em\\_paz](https://www.matizesdumont.com/collections/corac-o_em_paz). Acesso em 19/08/2016.

Em 2009, em parceria com o estilista Ronaldo Fraga, o Matizes Dumont bordou o universo do São Francisco nas roupas da coleção desfilada no São Paulo Fashion Week<sup>4</sup>. A coleção – e os bordados repletos de histórias e significados – percorreram ainda o México e o Chile e, em 2010, ganharam uma exposição chamada *O Rio São Francisco Navegado por Ronaldo Fraga*, exibida inicialmente no Palácio das Artes de Belo

<sup>4</sup> Considerado o maior evento anual de moda no país e reconhecido internacionalmente, o São Paulo Fashion Week surgiu em 1996, pelas mãos de Paulo Borges e com o nome de Morumbi Fashion. Rebatizado em 2001 com o nome atual, em suas passarelas surgem as tendências que o universo da moda brasileiro seguirá ao longo do ano. Disponível em: <http://sp.fashionweek.com.br/post/65-a-origem-do-spfw/>. Acesso em 16/08/2016.

Horizonte e tornada itinerante em seguida, com o propósito de exibição em doze cidades brasileiras, iniciando-se em São Paulo (Fig. 4). A exposição era formada por treze ambientes que contavam, ao som da voz de Maria Bethânia declamando o poema “Águas e Mágoas do Rio São Francisco”, de Carlos Drummond de Andrade, as histórias do Velho Chico<sup>5</sup>, além dos dezesseis vestidos que compuseram o desfile<sup>6</sup>.



**Figura 4** Ambientes da exposição O Rio São Francisco Navegado por Ronaldo Fraga, de 2013. Em sentido horário: visão geral da exposição, ambiente Convés do Vapor; ambiente Memória e Devoção, ambiente Nascente, ambiente O Gosto que o Chico Tem e as peças bordadas por matizes Dumont para o desfile no São Paulo Fashion Week de 2009. Fonte: <http://saofranciscoronaldofraga.com.br/>. Acesso em 15/08/2016.

A família Dumont mantém ainda uma fundação em que mulheres e homens de Pirapora se encontram para aprender o bordado como ofício. O Instituto de Promoção Cultural Antônia Diniz Dumont, o ICAD não tem fins lucrativos e promove a inclusão social pela arte e o protagonismo social responsável na região do Rio São Francisco.

<sup>5</sup> Apelido carinhoso dado ao Rio São Francisco, também conhecido como Rio da Integração Nacional, Nilo Brasileiro, Rio das Borboletas. Com 2.700 km de extensão, uma de suas áreas navegáveis se inicia em Pirapora-MG, sede do grupo Matizes Dumont, e vai até Juazeiro, na Bahia. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/reportagens/maceio/sfrancisco.asp>. Acesso em 16/08/2016.

<sup>6</sup> Disponível em <http://saofranciscoronaldofraga.com.br/>. Acesso em 10/08/2016.

Assim como na escrita sobre o papel ou nas palavras ditas pelas vozes do tempo, a linha no tecido também conta histórias e traduz narrativas e obras memoráveis para imagens. Imagens, segundo Flusser (2007, pag. 131), são um superfícies que permitem, por meio de seus símbolos, cores e signos, uma leitura de significados que “pode ser abarcada num único relance de olhar”. O texto, em contrapartida, é uma linha que pretende descrever a superfície das imagens. Num, a leitura é linear, progressiva e em corrente; no outro, a leitura acontece de forma circular e “reversível” (pag. 141), propícia a fazer com que os leitores decodifiquem a imagem a partir de seus próprios referenciais, deslocando e realocando as coisas pelo seu olhar, deixando-se levar pela imaginação.

Para Flusser (2007), o mundo visto dessa forma - o mundo imaginado - é o dos mitos, do fantástico e do mágico, do mundo pré-histórico, em que o sucesso de uma caçada por vir era garantido pela tradução do ato em imagens nas paredes das cavernas. Esse é o mundo codificado pelos bordados do grupo Matizes Dumont, quando transporta as histórias do Rio São Francisco para as linhas, quando pontilha as narrativas cotidianas do povo ribeirinho e quando reescreve nos pontos do tecido narrativas literárias.

Nessa codificação, há uma tradução entre a história escrita - feita de linhas - e a história bordada, em superfície de imagens. A superfície significa as linhas. Bordado é uma imagem feita de linhas. É uma escrita traduzida em signos de imagens. Essa tradução, chamada intersemiótica, acontece entre linguagens completamente diferentes. É uma transcrição, nas palavras de Haroldo de Campos (*apud* Plaza, 2003), e, como em uma narrativa oral, em que quem conta um conto aumenta um ponto, uma bordadeira fia no tecido suas experiências e sua visão de mundo. Nesse sentido, pode-se dizer que o grupo Matizes Dumont, na edição de 2004 da Editora Global de “A Moça Tecelã”, é tão narrador quanto Marina Colasanti.

### **Bordado, Narrativa e Tradução**

Desde os primórdios, quando sentiu a necessidade de compreender o que lhe cercava, o homem constrói narrativas. Os acontecimentos reais, os sonhos, os desejos e mesmo o desconhecido são transformados em histórias que conferem cor, realidade e materialidade ao que se deseja transmitir.

É por meio da narrativa que o homem domina o que não pode ser dominado e se integra aos acontecimentos e grupos sociais. Pela narrativa ele organiza os fatos, dá sentido ao tempo, persuade, seduz, compreende os dilemas de seu íntimo, toma



consciência de suas necessidades e potencialidades, estetiza, estrutura e modela o mundo (REINALDO, 2008).

A narrativa, para Benjamin (1987), tem sempre a dimensão utilitária de fazer com que o homem se inteire de seu mundo, tomando consciência de suas experiências e das experiências dos demais a quem narra e de quem ouve. É um processo de rico intercâmbio, em que o mundo ganha formas a medida em que é contado. E, ainda nos primórdios, se os marinheiros e camponeses detiveram a maestria na narrativa, os artífices tomaram para si a tarefa de aperfeiçoá-la.

Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que hoje está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIN, 1987, pg 205)

Benjamin (1987) compara o ato de narrar a um ofício manual, de elaboração de uma tessitura. Narrar e bordar são, assim, ações muito próximas. Escrever linhas sobre o papel ou costurar imagens sobre um tecido são atos de codificação, são atos narrativos. Ambos trabalham com a tessitura, com a construção e o entrelaçamento de códigos diversos de linguagem que formam a cultura (LOTMAN, 1996).

Tessitura rica em signos e em significados, ao transpor uma narrativa escrita para o tecido, as mãos que bordam se colocam como habitantes de fronteira na semiosfera descrita por Lotman (1996): um espaço semiótico limitado do espaço não semiótico por uma membrana tênue e sutil, a fronteira, em cujo interior formam-se núcleos culturais não homogêneos que se sobrepõem a outros, de tempos em tempos, a partir de processos de memória e esquecimento. As mãos que bordam realizam, por meio de intenso processo criativo, uma tradução intersemiótica. Diferente da tradução linguística que acontece entre textos de línguas diferentes, a tradução intersemiótica se dá pelo processo decodificação e codificação dos signos, que geram significados, que interpretados por alguém, originam novos signos, em um processo contínuo e permanente de semiose.

Plaza (2003) resume a tradução intersemiótica “como transcodificação criativa”, configurando sempre uma recriação, paralela, autônoma e recíproca, em que se traduz o próprio signo e a sua materialidade. Assim, a tradução intersemiótica se dá pela relação de elaboração de significados entre diferentes linguagens: texto para cinema, música para pintura, literatura para bordado, entre outros.

O bordado como tradução intersemiótica de uma narrativa literária é uma ação de transformação sobre um acontecimento que prevê, nas palavras de Ricoeur (1994), um fim específico. Quem narra age e tem responsabilidade sobre essa ação. Na narrativa não existe estrutura que não seja baseada na ação e que “não faça empréstimos de uma fenomenologia implícita ou explícita do ‘fazer’” (RICOEUR, 1994, pag. 90).

Bordar é uma ação intencional. Há intenção no movimento das mãos que seguram a agulha e a fazem percorrer um espaço de tecido, na construção de uma imagem ou de um texto. Bordar é um gesto e os gestos, para Flusser (1994), são responsáveis pelo desenvolvimento do pensamento científico. O gesto de fazer – das mãos – é a maneira pela qual o ser humano se coloca no mundo e que lhe diferencia de todo e qualquer outro ser. É o gesto de transformação de um objeto. Uma ação sobre um acontecimento, com vistas a um fim, nas palavras de Ricoeur.

Existe, na tradução de um texto literário para um bordado, uma intenção clara de transformação e transmutação da linguagem original (objeto – narrativa escrita) para a linguagem destino (bordado – linguagem visual). A bordadeira que traduz a narrativa para tecido confere novos significados à história original, torna-se agente dela e infere trocas entre a sua experiência e visão de mundo ao texto originalmente escrito.

Para que essa troca de experiências, esse “aumento de pontos” que acontece na realização de um bordado a partir de uma narrativa literária aconteça, há um processo criativo que perpassa por uma série de etapas, contempladas na dissecação produzida por Flusser (1994) dos gestos de fazer<sup>7</sup>. É precisamente na análise do processo criativo e nas relações de ressignificação de uma narrativa literária para imagens em bordado que se concentra o *corpus* de pesquisa do presente trabalho: como se deu o processo de tradução do conto “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti para os bordados do grupo Matizes Dumont e que possíveis interpretações podem ser extraídas dessa tradução.

### **A Escolha dos Fios**

Colasanti caracteriza-se por expressar em sua escrita, seja para adultos ou crianças, o maravilhoso, aquilo que foge às regras naturais do planeta, o mundo do era uma vez e dos contos de fada. São metamorfoses, ações sobrenaturais e míticas, que geram transformação, crescimento e reflexões finais, inerentes às narrativas de prosa e

---

<sup>7</sup> FLUSSER, V. **Los Gestos**. Fenomenología y comunicación. Barcelona: Editorial Herder, 1994.

poesia em que a interferência de deuses ou seres sobrenaturais regem o discurso (HENRIQUES, 2010, pag. 95). Como o poder do tear no conto “A Moça Tecelã”, que cria o tempo, os objetos, o mundo, mas também tem o invejável poder de destecer, caso algo não se borde da maneira desejada.

O que se escreve sobre a autora e suas narrativas maravilhosas é de uma dimensão impressionante. Reservatórios de dissertações de teses e monografias pelo país afora e outra grande quantidade de revistas científicas trazem altos números de referências. O Banco de Teses da Capes apresentou para uma busca geral quase sete mil resultados quando o verbete foi o nome da autora e em torno de duzentos e setenta resultados para o nome do conto. Quando se definiu a busca para restrita, o número de resultados para Marina Colasanti caiu para cinquenta e três e, para o nome do conto, nove resultados, ainda quantidade impressionante se considerarmos o exemplo de um único reservatório científico.

O conto “A Moça Tecelã”, individualmente ou como parte do conjunto de obras de Marina Colasanti, já foi objeto de vários ensaios, artigos, dissertações e teses. Uma compilação de sua fortuna crítica revela, em sua maioria, pesquisas debruçadas sobre as características eminentemente presentes na obra de Marina Colasanti: o feminino e o feminismo, o poder feminino e as questões de dominação e de gênero, sobre o estilo literário da autora, entre outras abordagens. Algumas pesquisas, como o artigo *A Figura Feminina em Contos Maravilhosos de Marina Colasanti*, de Raphaela Henriques, levantam relações de intertextualidade e diálogo entre “A Moça Tecelã” e “O Fuso, a Laçadeira e a Agulha”, de autoria dos Irmãos Grimm, além de diversos contos de fada relacionados ao tema. Outros, como a dissertação *Intertextualidade, Mito e Simbologia nos Contos Maravilhosos de Marina Colasanti*, de Giselle Accampora, analisam a tríade intertextualidade, mito e simbologia em suas obras.

A investigação presente neste trabalho, contudo, parte de uma abordagem pautada na crítica do processo criativo e no estudo da tradução intersemiótica que se realizam quando as imagens do bordado recontam o texto narrativo. O bordado, como todo ato criativo, é mediação de uma realidade que só nos é alcançada por meio de signos, de uma representação. Para Salles (2008), o ato criador é um processo de construção de uma representação, que perpassa por características, personalidade, estilo e tendência de quem cria e pelos aspectos que o próprio projeto vai oferecendo ao longo do percurso criativo, gerando um resultado ético e estético. É de extrema importância, para compreender a tradução intersemiótica, o conhecimento de como se deu esse processo.

Para que uma narrativa literária se traduza em uma obra, seja ela fílmica, fotográfica, esculpida ou bordada, faz-se necessário mergulhar na narrativa, analisar suas palavras, dissecar as entrelinhas. É necessário um aprofundamento intenso na obra original para que a tradução tenha a mesma carga poética (ou ainda maior) que a obra fonte.

O mergulho deste trabalho em “A Moça Tecelã” bordada por Matizes Dumont, portanto, envolverá investigar como se deram os contatos para a realização do trabalho para o livro; que possíveis motivações incitaram a escolha do Grupo para ilustrar a edição; conhecer o processo de transposição do texto aos primeiros esboços; destes à seleção dos materiais usados e daí a uma análise de como os bordados resultantes podem acarretar interpretações no leitor, que significados estão costurados no tecido, como estes podem ser interpretados. A fim de alcançar o intento, textos que tratam de literatura, narrativa, crítica de processo, tradução intersemiótica e teorias e conceitos da Semiótica da Cultura serão utilizados como base de discussão teórica e fundamentação das análises propostas.

#### **Pareceristas Sugeridos:**

Prof. Dr. Carlos Augusto Viana – Departamento de Letras – PPGLetras UFC

**Suplente:** Profa. Dra. Alessandra Carlos Alcântara – Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - Unifor.

#### **Referências – esboço de bibliografia:**

ACCAMPORA, G.R. **Intertextualidade, Mito e Simbologia nos Contos Maravilhosos de Marina Colasanti**. Rio de Janeiro: 2016, 112f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras Vernáculas) Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, vol. 1, 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

COLASANTI, M. **A Moça Tecelã**. São Paulo: Global, 2004.

FLUSSER, V. **Los Gestos**. Fenomenología y comunicación. Barcelona: Editorial Herder, 1994.

FLUSSER, V. **O Mundo Codificado**. Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HENRIQUES, R.M.P. A Figura Feminina em Contos Maravilhosos de Marina Colasanti. **Revista FACEVV**, Vila Velha-ES, nº5, Jul-Dez, 2010, p. 94-106. Disponível em: <http://facevv.cneec.br/wp-content/uploads/sites/52/2015/10/A-FIGURA-FEMININA->

EM-CONTOS-MARAVILHOSOS-DE-MARINA-COLASANTI.pdf. Acesso: 15/08/2016.

LOTMAN, I. **La Semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Frónesis Cátedra/Universitat de Valencia, 1996.

PLAZA, J. **Tradução Intersemiótica**, São Paulo: Perspectiva, 2003.

SALLES, C. A. **Redes de Criação**. Disponível em: <http://www.redesdecriacao.org.br/?p=124>. Acesso em: 19/08/2016.

REINALDO, G. F. O gesto narrativo: interações polifônicas. **Kalíope: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária**, São Paulo Sp, v. 4, n. 8, p.9-24, 2008. Semestral. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/view/3813/2483>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. Campinas: Papirus, 1994.

ROSA, A. V. **Destecendo Fadas**. A subversão do conto de fadas tradicional em A Moça Tecelã de Marina Colasanti. Porto Alegre: 2012, 55f. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Espanhola), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

#### **Sites:**

Banco de Teses Capes – Disponível em <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/> . Acesso em: 10/08/2016.

Banco de Teses USP – Disponível em <http://www.theses.usp.br>. Acesso em: 10/08/2016.

Matizes Dumont:

[https://www.matizesdumont.com/collections/corac-o\\_em\\_paz](https://www.matizesdumont.com/collections/corac-o_em_paz). Acesso em: 19/08/2016

[http://www.icadbrasil.org/#!about\\_us/csgz](http://www.icadbrasil.org/#!about_us/csgz). Acesso em: 05/05/2016.

<https://valdoresende.com/2013/01/23/matizes-dumont-a-reinvencao-do-bordado/>.

Acesso em: 05/05/2016.

O Rio São Francisco Navegado por Ronaldo Fraga – Disponível em: <http://saofranciscoronaldofraga.com.br/>. Acesso em 10/08/2016

São Paulo Fashion Week - <http://sp.fashionweek.com.br/post/65-a-origem-do-spfw/>. Acesso em 16/08/2016.

<http://www.educacional.com.br/reportagens/maceio/sfrancisco.asp>. Acesso em 16/08/2016.